

# **CRIME DA MALA**

Um drama policial em seis atos, sete personagens e dois pontas. Peça teatral de autoria de Expedycto Lyma

## **PERSONAGENS**

José	Esp. Marinheiro
Maria	Esp. Carroceiro
Investigador	3 Praças
Carcereiro	
Zulmira, a mãe	7 Personagens
Comandante do navio	2 Pontas Especiais (Marinheiro e Carroceiro)
Dr. Wenêncio	3 pontas p/ fazer número (os Praças)

## **TÉCNICOS**

Ponto	Técnica de som
Maquilagem	Ensaios especiais
Truques	Direção
Iluminação	Angumento Expedito de Lima
Cenarização	

## **MAQUILAGEM**

José — Um jovem aparentando 25 anos, beberrão e jogador, no ato que está preso, fica sem cinta e barbudo, cabelo nos olhos parecendo um louco

Maria — Uma jovem de uns 22 anos: simpática e honesta, esposa fiel a José, no ato em que aparecerá feito fantasma, estará maquilada de outra forma.

Zulmira — Uma velha de uns 50 anos, interpretando o papel de Maria. Será uma velha de temperamento, muito nervosa.

Investigador — Um jovem aparentando uns 30 anos de terno, gravata, chapéu e capa.

Comandante do navio — Um homem idoso já usando roupa branca e boné da marinha estilo marinheiro.

O marinheiro (ponta) usa o mesmo vestuário.

Carcereiro — Um homem comum aos outros, mais rude de gênio.

Carroceiro — Um homem do estilo desses do sítio.

3 praças — como de costume mesmo, farda, quepe e revólver

## ESCALA DE PERSONAGENS PARA OS SEQUINTES ATOS

1º ato – José, Maria, Zulmira

2º ato – Maria, José Zulmira

3º ato – José Maria, Carroceiro

4º ato – Comandante, José, Marinheiro, Investigador e o praça

5º ato – Investigador, José, Maria (O vulto), o carcereiro.

6º ato – José, Carcereiro, Maria (O vulto), Investigador Dr. Wenâncio.

## ESCALA DE CENÁRIOS

1º ato – Cenário do interior de uma casa “a casa de Maria e José”.

Móveis: uma mesa e umas cadeiras.

2º ato – O mesmo do 1º ato, nada modificado.

3º ato – O mesmo do 1º ato, nada modificado.

4º ato – Cenário a bordo de um navio.

5º ato – Cenário de um cárcere com porta velha

6º ato – O mesmo do 5º ato com pouca diferença, mas o cárcere o mesmo com porta velha

## TRUQUES:

Na hora que a porta do cárcere se fecha sozinha há um jeito de adotar uma corda indiana na porta, sendo esta puxada para o fundo do palco, isto acontece no 6º ato.

Em horas que apagam as luzes de uma vez, o personagem que fará o fantasma aproveita para se retinar. Tudo isso é fácil, não pode deixar pra retinar quando estiver com as luzes acesas.

O truque da mala também dá jeito, e a peça do corpo que José entra com ela em cena pode ser meias enchidas e pintado com manchas vermelhas representando sangue.

O resto é fácil.

O mais importante talento dos atores e atrizes principalmente o de José, como bêbado, como irado, como louro e como prisioneiro aterrorizado. Chamamos também a atenção do papel do Carcereiro. É preciso ter senso de carcereiro e o papel de Maria também é muito importante.

**1º ATO**

## Prólogo

No estado de São Paulo, há muitos anos passados...

Aconteceu este fato doloroso que na polícia registrou se, e dele até o Demônio, no inferno admirou-se.

Havia um casal, que em um barro na consciência do homem nasceu a desarmonia, e no coração da mulher, maldade não existia.

Ela chamava Maria e ele José, José deu para beber a infeliz aguardente, e não aceitava conselhos, tratando a todos grosseiramente.

Um dia chegou tarde da rua, com grande perversidade...começou a discutir com a esposa, lidando convencê-la a assinar a escritura para vender a casa que restava.

Maria muito ajuizada, recusou, e...

Vejamos a peça

## COMEÇO DA PEÇA. EM CENA, JOSÉ EMBRIAGADO

José — Num dianta...ninguém se mete na minha vida, ninguém. Eu faço e desfaço e ninguém que seje louco de simporta. Quem pôr a cara comigo se dá mal, num...num tem tempo ruim comigo, e acabou... [GRITA] O Maria...Maria...

## MARIA ENTRA EM CENA APRESSADA

Maria — O que foi...O que quer de mim José? Não vê que estou ocupada com o serviço da casa?

José — E quem é que tá perguntando?...Se eu chamei, você tem que vir e acabou...

Maria — Você está embriagado, depois conversaremos, José...

José — Ninguém... Ninguém tá embriagado, já lhe disse. Eu tomei memo umas e outras por aí mais...mas num tô embriagado não. Maria, você sabe que nois num temo mais dinheiro.

Maria — Não me diga que você gastou o último dinheiro que estava embaixo do colchão.

José — Gastei sim, e ainda num deu, sabe. Fiquei devendo ainda no jogo de cartas.

Maria — Há, meu Deus...e agora José, que faremos? Estamos sem nada em casa.

José — Nois num temo sem nada não, mais vô ti mostra uma coisa [SAINDO DE

CENA JOSÉ APANHA UMA GARRAFA DE AGUARDENTE E VOLTA-SE NOVAMENTE E DIZ] Óia aqui, cumo é que nois estamo sem nada na casa?

Maria — O dinheiro não deu para você gastar, mas fez sobrar para comprar outra garrafa desta imundície.

José — Na...não...não diga que isto aqui é imundícia senão eu posso me ofendê.

Maria — E que nome quer que eu chame isso?

José — Não...não diga que isto é imundiça, porque isto aqui não é. Isto aqui é a melhor coisa do mundo. Isto é justamente a coisa que num deve falta na vida de um homem. De um homem como eu... A cachaça faz esquecer de tudo desgosto de ser pobre, cumo nois é. A gente toma... depois se esquece de tudo.

Maria — Até mesmo de que é preciso trabalhar para se viver.

José — Exatamente isso mesmo. Como você vê, eu já esqueci de tudo isso.

Maria — Mas eu não me esqueci.

José — Pois é, si você toma também se esquecê, isso eu posso até garantir

Maria — Imagine si eu vou tomar essa porcaria.

José — Não...não tome mesmo, porque, si você tomar, vai se esquecer também da vida e não podemo vivê assim. Pelo meno eu só bebendo você trabaia pra sustentá nois dois.

Maria — José, onde nós estamos? Você não pode viver assim sem trabalhar. É preciso que você arranje um serviço e beba menos, homem. Você sabe muito bem que eu não posso trabalhar tanto, sou muito fraca e...

José — E já basta, sabe!... É melhor que você não venha mais com esses sermões. Aqui na casa quem manda é eu...José.

Maria — Mas quem trabalha é só eu.

José — Oia muié... Eu não forcei você a casá comigo, entendeu! Eu enjoiei de trabaia... e pronto.

Maria — Se eu tivesse certeza de que você se transformaria numa bisca e num ébrio, jamais casaria. Isto aqui não é vida.

José — Chega Maria...agora é tarde. Nois num pensemo nisto antes, agora temo que vive, você num acha?

Maria — Temos que viver, mas não sou obrigada a trabalhar para sustentar o seu vício.

José — Intão porque num vai embora vai. Me deixa sozinho, muié. Sabe que eu vivo muito bem sem você.

Maria — O que? Eu ir embora? Eu é que devia fazer isso. A casa é nossa, mas

sabe muito bem que eu já tinha isto aqui.

José — E que me importa isso... já planejei vender por alguns mil réis.

Maria — Se eu assinar... bem entendido.

José — Você terá que assinar, pois estamos ficando cada veis mais na lona...  
cumo agora mesmo... Que temo em casa?

Maria — Há outros meios José...se você trabalhasse...

José — Trabalhar, trabalhar, trabalhar. E o que é que a gente ganha por aí.

Maria — Para nós, o pouco que ganho dá para viver.

José — Que nada Maria... Esses dinheiros que a gente ganha por aí, num dá  
nem para gente tomá umas e outras.

Maria — Bem...pra sustentar o vício, nem mesmo um rio de dinheiro, não  
chega.

José — Nem tanto Maria...Se nós vendesse essa casinha, teríamos um bão  
dinheiro, não acha?

Maria — Eu não assinarei para vender isto. Já não temos futuro algum, ainda  
ficar sem nada de uma vez...

José — Maria...um dia você muda de ideia senão é pior pra você.

Maria — O que você quer dizer com isso? [SAINDO DE CENA JOSÉ] Não sei...  
Pode ser que qualquer dia eu lhe faça uma surpresa...[E JOSÉ SAI DE CENA. A  
SÓS MARIA] Não tenho medo, José...Não adianta nada fazer-me medo, não assi-  
narei. É a única coisa que temos, de pequeno valor...esta casa é uma herança  
que papai dechô. Tenho que estimar isto. Sacrificarei o resto da vida, mas não  
venderei isto. Quem sabe José endireita um dia e deixa de todos esses vícios.

NISSO ENTRA EM CENA DNA. ZULMIRA, MÃE DE MARIA

Zulmira — Hó, Maria...que faz pensativa?

Maria — Hó, mamãe, foi bom a senhora vir. Preciso de um conselho, para  
aconselhar meu marido. Sente-se por favor.

ZULMIRA SENTA-SE

Zulmira — E José está mais civilizado.

Maria — Qual nada mamãe, está pior. Agora deu por ali que quer vender a casa.

Zulmira — Ele tem alguma casa é?

Maria — Pois é... Quer que eu assine para fazer isso e moer todo o dinheiro  
em pinga e jogo.

Zulmira — Ele não pode fazer isso, pois não trabalha para ganhar outro.

Maria — Mas vai fazer, se eu assinar.

Zulmira — Pois então não seja louca de assinar.

Maria — É claro que não vou fazer isso, eu sempre tive, e tenho a cabeça no lugar.

Zulmira — Se José tivesse juízo, vocês estariam riquíssimos, pois tem muita gente por aí que desejaria ter a quarta parte da chance que vocês tiveram, mas o que fazer se foi esse seu destino?

Maria — Sabe, mamãe...já teve gente que me disse...só pode ser as coisa feita.

Zulmira — Hó... Isso é bobagem. O feitiço não existe minha filha. Eu digo, olhas, chamo isso de falta de juízo, e quando a cabeça não presta, o corpo padece, você não tem culpa, é claro.

Maria — A senhora tem razão, e não é falta de conselhos.

Zulmira — Deixe, Maria...qualquer dia eu falarei com ele...farei com que ele compreenda a situação, não se preocupe.

Maria — Não adianta mamãe, ele blasfema quem lhe dá conselhos...pode ser que com a senhora seja diferente mas...

Zulmira — Não se preocupe, José sempre me respeita...é muito interesseiro pelo que é meu... Pois sempre tiro das enrascadas em que entra.

Maria — A senhora é uma mãe e tanto.

Zulmira — Eu seria melhor ainda se seu marido pegasse jeito. Não tenho ninguém para ajudar a não ser vocês, mas não gosto que moa dinheiro que anos e anos custou ganhar com suor e forças de boa vontade de seu falecido pai, em pingas, jogos e farra.

Maria — Eu sempre me orgulhei de papai. Fazia tudo para dar-nos conforto.

Zulmira — Ainda bem que ele não chegou a vê-la assim com esse ordinário... mas talvez ele entre nos eixos, depois de falar-lhe. Bem...agora já vou indo.

E A MULHER LEVANTA DA CADEIRA PARA IR-SE...

Maria — Não vá ainda mamãe...espere que eu faça um café.

Zulmira — Não, Maria...não faça nada...estou cheia e você nem pode mesmo fazer nada, pois sei que não tem nem açúcar na lata...Tome esta nota para você e saiba escondê-la. Pois o malandro de seu marido não merece um centavo, enquanto continuar nessa vida.

Maria — Obrigada, mamãe... Mas é bastante isso! Não precisa tanto!

Zulmira — Guarde o resto que sobrar...e deixe ele que se dane...não passe fome você, agora já vou, Deus que abençoe minha filha...e que a proteja também.

Maria — Obrigada mais uma vez mamãe!

E COM ISSO ZULMIRA SAI DE CENA E MARIA SAI COM ZULMIRA COMO QUEM ACOMPANHA HÓSPEDE ATÉ O PORTÃO.

CENA VAZIA QUANDO LOGO JOSÉ ENTRA EM CENA MAIS FIRME.

José — [A SÓS] É engraçado alguma coisa [E ACENDE UM CIGARRO, SENTANDO NUMA CADEIRA] Essa minha sogra tem um dinheiro guardado [TIRA UMA TRAGADA] E dinheiro grosso... Não sei para quem vai servir esse dinheiro, pois é sozinha. [TIRANDO OUTRAS TRAGADAS] Eu penso comigo que ela devia bem repartir com a gente, pois o que vale o dinheiro se a gente não dividir e desfrutar com ele... [MAIS UMAS TRAGADAS] Levar, a gente não leva quando morrer [TRAGANDO O CIGARRO] É... essas velhas folgadas é um caso sério...

NISSO ENTRA MARIA EM CENA COM O DINHEIRO NA MÃO E ESQUECE, DE SÚBITO VÊ JOSÉ...

Maria — Hó...José!

CÍNICO, JOSÉ:

José — Que foi Maria?... Parece que você viu um fantasma...

MARIA TENTA ESCONDER A NOTA, MAS...

Maria — Eu...eu...

José — Vamos... Dê cá essa nota...parece ser um bom dinheiro...

Maria — Mamãe deu para fazer compras...estamos sem nada aqui...

José — Não estou perguntando, dê-me logo, ou tomo-lhe...

Maria — Está bem José...posso dar-lhe, mas com uma condição...Estamos sem nada na casa. Dar-lhe-ei o resto depois que fizer as compras.

José — Não sou criança para você me iludir...Agora dê-me, não estou brincando.

Maria — E eu também não brinco, pois não vou dar

E SAI PARA O LADO QUANDO JOSÉ AGARRA A FORÇA ARRANCANDO A NOTA DAS MÃOS, COM O EMPURRÃO MARIA TOMBA NO CHÃO E CHORA AO VER CINICAMENTE.

José — O que!... É um bom dinheiro, só vai dar para fazer uma farra aos seiscentos. Há! há! há!

LEVANTANDO-SE MARIA...

Maria — Não gaste tudo José, por favor eu peço... A gente não pode ficar aí sem comer.

José — Cale a boca, ninguém vai gastar tudo. Trocarei a nota e devolverei uns niqueis.

Maria — Pense na nossa situação...

E JOSÉ APANHA O PALETÓ E...

José — Fique descansada, que hoje não sei que hora eu volto.

Maria — Mas uma vez... Troque-o e gaste um pouco só José...

José — Chega...chega estou farto de ouvir essas mesmas palavras.

E COM ISSO JOSÉ SAI DE CENA

Maria — Hó... Meu Deus... Lá se foi o dinheiro que mamãe me deu...Eu bem que podia esconder mas não sabia que ele estava aqui. Eu não iria ficar com tudo, é claro, mas pelo menos uma compra para passarmos 1 mês. Tomara que mamãe o convença, se não do contrário estarei perdida. Mamãe quer nos ajudar com dinheiro, mas é inútil mesmo...inútil mesmo.

**PANO RÁPIDO**

**FIM DO 1º ATO**



**2º ATO**

Narrador (Prólogo) —

Casa dia José ficava pior

A bebida tomou conta dele

Vejamos o que o 2º ato apresenta

**MARIA EM CENA VARRENDO A CASA**

Maria — José hoje está impaciente...já tomou umas e outras de costume...e agora não sei o que está planejando...Com certeza não está bom de bolso. [TOSSINDO POR TRÁS DO CENÁRIO E PISANDO DURO. É JOSÉ.] Ai vem ele outra vez.

**NISSO JOSÉ ENTRA EM CENA EMBRIAGADO**

José — Ó Maria...você sabe que eu num tenho nem um réis mais?

Maria — E claro que sei dessa mesma história.

José — Bem...eu sei que você sabe da história, mas eu queria sabê, se você sabe de que jeito nois vamo se arranja.

Maria — Isso é fácil, José...Trabalhando uns dias, e parar de ir aos botequins.

José — O que? Eu trabalhar? Do que agora eu vou ligá pra vida. Eu já acostumei vivê assim, e acho que não tem vida melhor.

Maria — Então não tenho mais o que dizer.

José — Pois eu tenho...escuita só...

Maria — Fala homem...

José — Que tal a gente fazer um empréstimo, Maria?

Maria — Você está tantan homem. Quem irá emprestar dinheiro para você?

José — A minha sogra vai...

Maria — Ah sim, mamãe disse que ia conversar com você, viu?

José — Sim... ontem passei por lá. Aquela velha pensa que eu sou criança, e vou na conversa dela. Ela só diz: Trabalhe...Pegue juízo José...eu acho que tenho juízo até demais. Agora essa história de trabalhar já estou até acostumado a ouvir.

Maria — Mamãe não quer ver você mal.

José — Mas eu não estou mal...Tenho saúde, bebo minhas pingas e ando bem firme pelas ruas.

Maria — Você não sabe o que diz...

José — Sei sim, o que eu preciso é de uns cobres emprestado.

Maria — E pagar com o que?

José — Oras, é só até janeiro, você sabe como é que é, um dinheiro ganha outro. Eu toda vida fui tarimbeiro.

Maria — Ché José...dessa lenga lenga estamos indo cada vez mais pra baixo.

José — Você vai ser só...vou falar com sua mãe lá na casa dela. Afinal de contas, pra que ela quer tanto dinheiro? Eu falo de imprestá, si não pude pagar, ela que tenha paciência oai. Que negócio é esse, quem tem precisa repartir com quem não tem.

Maria — Se você trabalhasse, ela nos dava dinheiro, não emprestava.

José — Ora essa, se eu trabalhasse, não precisava da ajuda dela, e nem de ninguém.

Maria — Dinheiro nunca é demais, podíamos ser ricos e ter todo o conforto.

José — É... mas eu é que não vou me matar por causa disso. Sua mãe tem dinheiro, e tem a obrigação de me arranjar uns cobres bons, pois eu não quero passar vergonha perto dos meus amigos.

Maria — Bem... é você quem sabe.

José — É eu mesmo é que sei.

Maria — Não sei se ela vai arranjar não.

José — Se ela não arranjar, você falará com ela, Maria.

Maria — Eu falar?!... Ela não emprestará sendo para você.

José — Diga que é pra você vai, inventa que precisa para comprar remédios pra você e... que precisa de mais... enfim, inventa qualquer coisa lá.

Maria — Não é possível. Ela sabe que tenho saúde perfeita, José.

José — Bem... Eu preciso do dinheiro de qualquer modo, os amigos me esperam. Vou lá, se ela não me arranjar, você já sabe, tem que se encarregar disso hoje. [NISSO BATEM NA PORTA] Vai atende logo, vai. [MARIA VAI ATENDER SAINDO DE CENA] A veia vai ter que arrumá a grana, ela tem dinheiro a rodo e não me empresta um níquel, pois agora ela tem que me arranjar, custe o que custar [E OLHANDO NUM LADO, ADMIRA E...] Mas veja só, é ela que está aí, com certeza Maria já contou alguma coisa, mas se ela disse alguma coisa de mal a meu respeito, ela vai ver. Maria que não abuse de minha pessoa, pois de uma hora pra outra a gente pode se torná pior do que eles pensam [E DÁ UMA OLHADA] Vão entrar, é melhor, assim não é preciso ir até lá para explorá-la.

ZULMIRA E MARIA ENTRAM EM CENA

Zulmira — Boa tarde, José...

José — É quase boa noite... [COM AR DE RISOS]. Como é que vai passando, sogra folgada?

Zulmira — Eu bem, e vocês?

José — Eu estou bem, mas não muito, estou sem dinheiro, Dna. Zulmira. Sente-se... SENTANDO-SE...

Zulmira — É uma história triste.

José — Acho que Maria já explicou isso não? Estamos precisando de uns níqueis, e até eu ia à sua casa, para ver se conseguia emprestar um pouco, que tal?

Zulmira — No momento não posso...

José — É só até o mês de janeiro, um dinheiro ganha outro.

Zulmira — Como? Você então vai trabalhar?

José — Não...vou cuidar de uns negócios.

Zulmira — Negócios? Que negócios?

José — A senhora sabe como é que é. Eu sempre tenho sorte e...

Zulmira — José... Faça um negócio com você... Minha casa está precisando de uma reforma. Se você for fazer para mim, pago-lhe dobrado o seu serviço.

José — A senhora sabe muito bem que eu não dou para trabalhar, mas se prometer que me adianta primeiro o dinheiro eu vou.

Zulmira — Então não confia em mim?

José — Confio sim, mas é que preciso da grana para esta noite.

Zulmira — Então nada feito. Só pago-lhe depois que me servir, se serve assim, pode começar amanhã cedo.

José — Está bem, está bem... Eu vou pensar...

Zulmira — Pense hoje mesmo que amanhã de madrugada vou viajar, assim deixo-lhe a chave.

José — A senhora pode viajar sossegada que eu não vou de hoje pra manhã. Gosto de ter tempo de sobra para pensar uma coisa, para mim não serve o prazo.

Zulmira — Você não quer mesmo trabalhar, José. Eu lhe ofereço o dobro do ordenado e você se recusa. Saiba que esse negócio ninguém faz. Eu estou procurando um meio de fazer você trabalhar um pouco. O que significa isto?

José — É melhor não se meter na minha vida. Se não quer arranjar-me dinheiro, não é preciso dizer-me sermões e nem concelhos. Fique aí com sua filha...se quiser leve-a também, não preciso de vocês. Sei viver sozinho.

E COM BRAVEZA JOSÉ SAI DE CENA

Maria — É inútil mesmo mamãe.

Zulmira — Ele não se importa com mais nada. Se eu não fosse viajar de madru-

gada levaria você a pousar em casa todas as noites.

Maria — Mas pra que, mamãe?

Zulmira — Ainda você pergunta! Esse homem é muito perigoso. Você não pode sair da casa, mas era bom que não pousasse aqui, mas depois de amanhã se você quiser pode ir.

Maria — Bobagem isso, mamãe... a senhora está com cuidado à toa, conheço bem José. Ele bebe, fica valente, fica estúpido, mais não ergue um dedo para me agredir. José chega da rua, diz uns sermões e vai curtir a bebedeira no sono.

Zulmira — Eu tenho cuidado, pois sou sua mãe, e tenho só você de filha, é isso.

Maria — Não se preocupe... se eu perceber qualquer coisa eu corro lá sabe.

Zulmira — Isso, não fique aí não. Se ele continuar assim, é melhor até que vocês separem.

Maria — Eu já pensei isso mas...

Zulmira — Quando eu vim da viagem, vamos pensar nisso, não é mesmo?

Maria — Isso mesmo. Talvez seja a única solução, mamãe.

Zulmira — Está ficando tarde...Eu já vou indo, preciso levantar de madrugada.

Maria — Ah é... a viagem.

Zulmira — Boa noite, Maria...

Maria- Boa noite, mamãe... Desejo-lhe uma boa viagem sabe...

DESPEDEM-SE PEGANDO NAS MÃOS.

Zulmira — Obrigada...Trarei um presente de lá pra você.

Maria — Eu fico contente.

Zulmira — Até breve então...

Maria — Sim até breve, mamãe.

E ZULMIRA SAI DE CENA. A SÓS, MARIA

Maria — Coitada de mamãe. Tem medo de acontecer alguma coisa pra mim. Ela não conhece meu marido como eu. José é valente mas nunca me bateu...E por isso que às vezes relevo alguma coisa. Já é hora de dormir... É bom para esquecer um pouco da situação.

**PANO RÁPIDO**

**FIM DO 2º ATO**

**3º ATO**

Prólogo (narrador) — Já tomado pelo vício, José não controla mais até que um dia...

CENA VAZIA

LOGO DEPOIS JOSÉ ENTRA EM CENA

FURIOSO E BÊBADO

COMO UM LOUCO, JOSÉ

José — Hoje é o dia há! há! há! Aquela velha quer o dinheiro para fazer caldo quando morrer, mas vai se arrepender, há! há! há! Ela está pensando que eu sou de brincadeira, mas está enganada... Ela quer que Maria separe de mim! há! há! Ela vai separar...sim ela vai separar, e para sempre, hé! hé! hé! A estas horas ninguém verá e nem ouvirá nem um ruído...nem ela mesmo está aí para me atrapalhar, quando Dna. Julmira chegar aqui, não encontrará ninguém! he! Ninguém porque Maria a sua estimada filha vai desaparecer para sempre. A estas horas estão todos dormindo, até mesmo ela dorme serena. Há! há! há! Vou agir como a raposa faz para a sua caça. Ou Maria assinará a venda da casa ou perderá a vida! há! há!

E ENTRANDO NO INTERIOR DO QUARTO JOSÉ SAI DE CENA. LOGO DEPOIS MARIA ENTRA EM CENA CAINDO NO CHÃO COMO QUEM FOI ARRANCADO DA CAMA E JOGADO EM OUTRO CÔMODO COM VIOLÊNCIA.

Maria — Oh meu Deus!...O que é isso?

JOSÉ ENTRA EM CENA CÍNICO E RAIVOSO

José — há! há! há! Não esperava por esta, hein? Saiba que vim meio louco hoje.

Maria — Porque fez isso...

E LEVANTA-SE...

José — Já lhe disse...estou meio louco. [E JOSÉ APROXIMA-SE E AGARRA-A DIZENDO] E então...está decidida assinar a escritura ou não?

Maria — Que escritura?

José — Pra vender esta baiúca.

Maria — Você está bêbado José.

José — Não estou não... quero saber se vai assinar ou não.

Maria — Você sabe muito bem que eu não faço isso... porque não vai dormir...

E JOSÉ AGARRA-LHE O PESCOÇO E...

José — Vai arrepender-se...

Maria — Está me machucando, largue-me...

José — E vou machucar mais, veja...

E APERTA MAIS UM POUCO... EM APUROS MARIA...

Maria — Largue-me José...

José — Maria...vou matá-la, sabe.

EM APUROS MARIA

Maria — Não, pare com isso...

José — Mais uma chance...assinará ou não... vamos diga logo...

Maria — Deixe-me...amanhã conversaremos...você está bêbado hoje.

José — Não me interessa... Quero saber hoje... Agora Maria...

Maria — Não posso assinar...

José — Então morre...

E APERTA COM FORÇA ESTRANGULANDO-A DE UMA VEZ. DEPOIS ELE SOLTA E MARIA TOMBA DE BRUÇOS, MORTA...

José — Matei-a... aí está... e agora que farei com o corpo? Preciso me virar agora... Ainda bem que aqui é um lugar desolado... Tenho uma ideia...Para não ser descoberto, vou cortá-la toda em pedaços e acumular naquela mala que está no quarto. [E APANHA LOGO O CORPO E CARREGA NAS COSTA DIZENDO...] Sim, é isso mesmo que vou fazer. Farei o serviço lá... será mais próprio...[E SAI DE CENA LEVANDO O CORPO DA MARIA. LOGO DEPOIS ENTRA EM CENA DIZENDO...] Agora apanharei um machadinho de açougueiro...sim aquele que foi de meu avô... [E VAI APANHAR O MACHADINHO E DEPOIS VOLTA DIZENDO...] Este mesmo, deixe-me olhar...[EXAMINA-O E...] Uh... ainda está que é uma navalha...Farei o serviço o quanto mais rápido, pois não demorará muito a clarear o dia... Amanhã bem cedo arranjarei um carroceiro que conduzirá a mala pra estação, lá eu despacharei para o Rio de Janeiro. [OLHANDO O RELÓGIO DANDO UM ASSOPIO...] Três e meia da madrugada... É preciso se apressar.

A LUZ DO PALCO FICA MORTEIRA E JOSÉ SAI DE CENA NISSO APAGAM-SE DE UMA VEZ A ILUMINAÇÃO FICANDO ESCURA A CENA DANDO A ENTENDER QUE ELE FEZ O SERVIÇO, E DEPOIS AMANHECEU O DIA VOLTANDO VAGAROSAMENTE A CLARIDADE. ACENDENDO NOVAMENTE AS LUZES, JOSÉ APARECE EM CENA ARRASTANDO A MALA FECHADA SEM AMARRÁ-LA.

José — Aqui está a mala sinistra... Já tratei um carroceiro para levá-la, dentro

em pouco estará aí... Hó... Eu ia me esquecendo daquele pedaço... É eu porei por cima...[E FAZ QUE VAI BUSCAR O PEDAÇO, DEPOIS VOLTA COM UM PEDAÇO DO CORPO E O MACHADO NA MÃO DIZENDO...] Pronto... aí está... abrirei e boto aí junto com os demais, vai ser tudo fácil [E ABRE A TAMPA E PÕE DENTRO]. Esta mala é muito bem fechada... Pronto...agora vou fechá-la com trincos e amarrá-la com uma corda, por via das dúvidas.

E TRANCA-A DEPOIS AMARRA-A COM UMA CORDA. DEPOIS DISSO SENTA-SE NUMA CADEIRA.

José — O carroceiro logo estará aí. [POR TRÁS DA CENA O CARROCEIRO GRITA COM OS ANIMAIS.] Deve ser o carroceiro pelo jeito. [QUANDO JOSÉ LEVANTA BATEM NA PORTA] Pode entrar, é aqui mesmo...

NISSO O CARROCEIRO ENTRA EM CENA

O Carroceiro — Seu Zé... eu vim buscá a mala pesada que o sinhô falô...

José — Sim... é esta aqui... É um pouco pesada, mas eu ajudo a pôr na carroça, pode pegar nessa ponta. [E OS DOIS HOMENS UM AJUDANDO O OUTRO SAEM DE CENA COM A MALA COMO QUEM VAI POR NA CARROÇA. LOGO DEPOIS JOSÉ ENTRA EM CENA] Está tudo bem até agora...

Vestirei um certo pano e vou esperar a mala no Rio de Janeiro. Lá então mandarei para o estrangeiro sem endereço, sem nada... Apenas uns números e pronto. Ninguém vai suspeitar de nada, minha sogra está viajando, e pensarão que nós também viajamos. Sou mesmo um espertalhão.

**PANO RÁPIDO.**

**FIM DO 3º ATO**

**4º ATO**

Prólogo (Narrador) — José fechou bem a casa e deu no pé. Em alguns dias já estava no Rio de Janeiro para despachar a dita mala. Mas vejamos o 4º ato...

NA CENA EXISTEM VÁRIOS CAIXOTES E ENGRADADOS PARA SEREM EMBARCADOS NO NAVIO. NO MEIO DE TODA AQUELA BAGAGEM ESTÁ A DITA MALA OS CARREGADORES ESTÃO LEVANDO AS COISAS QUANDO O COMANDANTE DO NAVIO DIZ

Comandante — Vamos... vamos depressa seus pilantras... Já estamos em cima do horário.

NISSO JOSÉ ENTRA EM CENA COM UM TERNO E FUMANDO UM CHARUTO TRAZENDO NAS MÃOS UM CARIMBO.

José — Olá, comandante... Cheguei ainda a tempo, vou pôr o carimbo com a numeração na minha bagagem...

Comandante — Vamos depressa... Agora chegou a vez dela... Sem número ela não vai. Carimbe logo que já estamos atrasados.

José — Sim...eu não demorei...

JOSÉ CARIMBA A MALA E DEPOIS DESPEDE-SE QUANDO DOIS MARINHEIROS A APANHAM PARA SER EMBARCADA. UM DELES AO VER OS COMPANHEIROS ADMIRA... DIZENDO...

Um marinheiro — Ei, chefe... Parece estar vazando alguma coisa dessa mala grande...

O COMANDANTE OLHA E...

Comandante — Espere... Esta mala não viaja...Devido ao sangue que verte...

José — Não é nada, conduzam, o preço que lhe pago é vantajoso.

Comandante — De jeito nenhum... É preciso que haja uma revista... Isso fica ruim para nós... [NISSO TOCA O TELEFONE...] Deixem que eu atendo...

O COMANDANTE SAI DE CENA E JOSÉ PROCURA CONVENCER OS DOIS MARINHEIROS DIZENDO...

José — Olhem... vamos fazer um negócio. Eu sei que vocês precisam de dinheiro... Pago um dinheiro grosso a vocês se disserem que já revistaram e que nada de espanto encontraram, a não ser objeto de utilidade que vai para o estrangeiro.

Um Marinheiro — Olhe amigo... Não é má sua proposta, mas está muito dando nas vistas... veja como vaza...

NISSO O COMANDANTE ENTRA EM CENA COM UM INVESTIGADOR E UM POLICIAL



O POLICIAL TEM ALGEMA...

Comandante — Aí está a mala doutor... e o responsável é este senhor...

JOSÉ ESPANTA-SE MAIS PROCURA CONTER-SE E LOGO O INVESTIGADOR INTERROGA-O...

Investigador — Olha amigo... Podemos dar uma pequena revista em sua bagagem...

José — Bem... não sei porque isso...

Investigador — Vamos...abra essa mala de fratura eu insisto...

E OS POLICIAIS APONTAM O REVÓLVER.

José — Meu amigo... Aqui vai é rapadura, com o tempo de friagem, vaza o mel.

E JOSÉ FAZ GESTO DE FUGIR, MAS...

Investigador — Prenda ele guarda, e vamos verificar isso.

ELES ABREM A MALA E FAZEM GESTOS APAVORADOS AO VER O QUE HÁ DENTRO. O GUARDA ALGEMA JOSÉ ENQUANTO VERIFICAM...

Comandante — Que coisa bárbara, doutor.

Investigador — Está irreconhecível, mas é justamente o caso que estamos investigando, o corpo é feminino.

Comandante — Eu jamais vi uma coisa assim, durante esse tempo que vivo...

Investigador — Eu também... Já investiguei muitos casos, mas este é o primeiro que me causa arrepios. Que me diz disso, seu moço?

José — Bem...eu...

Investigador — Antes de mais nada quero me certificar melhor. [O INVESTIGADOR TIRA DO BOLSO A FOTOGRAFIA DE JOSÉ CONFERINDO COM ELE] É isso mesmo, está tudo claro agora, veja comandante...

O COMANDANTE OLHA E...

Comandante — É ele mesmo...

Investigador — Então... como foi fazer essa barbaridade, rapaz?

José — Sabe, seu Comissário, fui obrigado a matar esta esposa sem pudor, que caiu em adultério com um sujeito traçoeiro.

Investigador — Não sei da conduta de sua esposa, mas a sua é bastante péssima, já teve várias passagens pela polícia por encrencas arruaças e bebedeiras.

José — Mais isso eu tinha que fazer doutor. Ela me traía e...

Investigador — Você vai explicar o caso ao delegado. Apanhe a mala e siga-nos...

José — Eu, levar isto?!... Mas é muito pesado.

Investigador — Aí ela não pode ficar, e os outros não tem obrigação de pôr as mãos em suas barbaridades. Onde já se viu...além de matar, ainda picar como se faz com uma réz! Vamos depressa. Tire as algemas para que possa carregar a mala no veículo.

O GUARDA ABRE AS ALGEMAS E JOSÉ TENTA FUGIR, MAS O GUARDA COM O INVESTIGADOR APONTA O REVÓLVER PARA ELE

José — Não, por favor!...

Investigador — Se tentar alguma fuga atiraremos. Vamos. É melhor ir por bem. JOSÉ APANHA A PESADA MALA E SAI DE CENA COM OS POLICIAIS APONTANDO A ARMA NA SUAS COSTAS.

Comandante — Vamos voltar ao trabalho rapazes. Não quero ficar aqui até escurecer. Minhas pernas tremem só de pensar nisso.

DEPOIS O INVESTIGADOR ENTRA EM CENA E DIZ...

Investigador — Já vamos Comandante. Agradecemos muito o que o senhor fez por nós.

Comandante — Oras... eu não fiz nada, apenas telefonei avisando da mala que podia ser alguma pista...

Investigador — E foi mesmo, uma pista certa. Gostamos de saber que existem cidadãos capazes de ajudar a justiça.

Comandante — Bem... na verdade, eu só gosto de coisas direito e bem esclarecidas, pois tenho muita responsabilidade com o cargo.

Investigador — Bom serviço, e mais uma vez, ficamos gratos pelo seu gesto. Facilitou muito o nosso serviço. Adeus comandante.

Comandante — Adeus... Comissário. Um dia veremos de novo.

Investigador — Assim espero.

E ACENA A MÃO MOSTRANDO UM GESTO DE AMIGO... O INVESTIGADOR SAI DE CENA.

Comandante — É, a polícia sempre gosta do meu jeito. Uma vez um Detetive me disse:

Seu Comandante porque não deixa esse seu cargo e entra definitivamente para a polícia, o senhor dá um bom agente da lei.

OS MARINHEIROS RIEM DELE, GOZANDO. E COM ISSO FECHA A CORTINA TERMINANDO O ATO

**PANO RÁPIDO**

**FIM DO 4º ATO**

**5º ATO**

NESTE ATO JOSÉ FICA PRESO NUM CÁRCERE MUITO APERTADO TODO DESGADLHADO E COM REMORSO. DO OUTRO LADO, ISTO É POR TRÁS DA CENA O POVO GRITA:

- UM INDIVÍDUO DESSE NÃO MERECE FICAR PRESO. DEVE SER LINCHADO, HOMENS.

- ISSO MESMO, ESTOU DE ACORDO, VAMOS ENFORCÁ-LO PARA QUE POSSA SENTIR O SABOR DA MORTE.

- VAMOS DEPRESSA ACABAR COM ESSE MISERÁVEL, QUE ESTÁ PENSANDO QUE SER HUMANO É UM ANIMAL QUALQUER.

- VAMOS ACABAR COM O AÇOUGUEIRO PESSOAL. E JOSÉ SENTE MEDO NO CÁRCERE QUANDO O INVESTIGADOR ENTRA EM CENA E DIZ...

Investigador — Você está ouvindo isso, não José?

José — Não me deixem que eles façam.

Investigador — Não tenha medo disso, José. Você não vai morrer já. Você vai ter que viver um pouco mais para sofrer alguns momentos amargos. Eles não entrarão aqui, é claro. Num cárcere mais apertado que este você sentirá o gosto da solidão, tenho a certeza de que se arrependerá até o último fio de cabelo, do que fez. No fundo até tenho pena de você, pois não haverá tempo na sua sentença. E o pior é que você vai passar a viver numa solitária.

José — Óh!... Isso não...

Investigador — Isso sim... é o que acontece com assassinos de sua espécie.

José — Eu pensei que tudo saía como eu planejei...oh...

Investigador — E deu certo seus planos, como vê.

José — Se eu pudesse apagar isso.

Investigador — Não pensou bem antes de fazer homem. Agora é muito tarde... muito tarde.

E O INVESTIGADOR RETIRA-SE. JOSE INSISTE...

José — Não se vá, comissário... Não me ponham na solitária, eu peço de joelho...

Investigador — Não é eu quem manda aqui, meu caro. Minha tarefa terminou...

José — O senhor podia me ajudar...

Investigador — Nem pense, meu serviço é entregar o culpado para a autoridade, depois que entrego, não tenho mais nada a ver com o caso.

José — Óh, meu Deus... Quem me ajudará.

Investigador — Agora pensou em Deus, quando devia pensar bem antes de assassinar sua esposa que era tão fiel.

José — Eu me arrependo muito disso...

Investigador — E vai arrepender-se mais ainda. Passe bem a noite, que amanhã não terá muito sossego, na solitária e mais apertadinho.

#### E O INVESTIGADOR SAI DE CENA

José — Que vá para o inferno esse maldito investigador, se não fosse ele aparecer lá eu estaria bem longe daqui... e agora... o que será de mim nisto aqui? [NESTE MOMENTO AS LUZES DO PALCO FICAM MAIS MORTEIRAS] É... Logo isto aqui vai ficar como o breu, de escuro... Vai ser difícil dormir com esta fome. Até agora não comi nada...óh!... se alguém me desse pelo menos um pedaço de pão... mais é inútil, não tem ninguém por aqui...abandonaram-me... jogaram-me aqui... [NISTO APAGAM-SE AS LUZES DO PALCO FICANDO APENAS UMA LUZINHA AZULADA IMITANDO SER NOITE.] É a noite que chegou... Não vou ter refeições hoje... Terei que dormir com o estômago vazio... vou ver se consigo... [E JOSÉ PREPARA-SE PARA DORMIR, TRISTONHO] Como aqui faz um frio danado...não me deram nem sequer uma coberta... Gente ingrata. [DE REPENTE OUVES-SE UM RUÍDO... ASSUSTADO JOSÉ...] Hem!...que foi isso!... [UNS PASSOS LARGOS SE APROXIMAM] Uns passos... e vem aqui!... Quem poderá ser a estas horas!... Ah, sim talvez alguém que lembrou de trazer algo para mim comer!...[NISSO ENTRA UM VULTO NA ESCURIDÃO. É MARIA EM TRAJE MORTAL] Quem poderá ser... não consigo ver seu rosto... Talvez alguém que se disfarçou para me ajudar, mais não trouxe nada para mim!... [E O VULTO APROXIMA-SE...] Vem na minha direção!... Talvez fale alguma coisa! [E APROXIMANDO DE UMA VEZ]... Quem é você!... O que quer!... Responda!... Será que estou ficando louco? [O VULTO ABRE A PORTA DO CÁRCERE E ENTRA...] Que!...abriu a porta do cárcere sem precisar de chaves... e eu pensei que estivesse trancado [E O VULTO APROXIMA DE JOSÉ, LEVANDO AS MÃOS PARA ENFORCAR] Não!... o que quer de mim?... está querendo me matar... quem é você [O VULTO TIRA O VÉU, DESCOBRINDO O ROSTO...] Não é você!... não pode ser... você está morta Maria... não... [E O VULTO SE PREPARA PARA APERTAR O PESCOÇO DE JOSÉ] Não... não... para... eu me arrependo do que fiz, Maria. Ainda há uma saída, a porta do cárcere está aberta... [JOSÉ TENTA FUGIR MAS FICA IMÓVEL NO LUGAR] Que?!... Não consigo me mover!... Pare com isso Maria! Não me torture [E O VULTO DE MARIA AGARRA O PESCOÇO DE JOSÉ APERTANDO DANDO UMA GARGALHADA] Não...nã...ã...o Aaaaaaiiiii....

E NISSO APAGAM-SE AS LUZES DE UMA VEZ... COM AS LUZES APAGADAS E APROVEITANDO PARA FECHAR A PORTA DO CÁRCERE O VULTO DE MARIA SAI DALI, É CLARO.

LOGO DEPOIS E ACESAS TODAS AS LUZES DA RIBALTA E JOSÉ NO CÁRCERE DESMAIADO.

O CARCEREIRO E DOIS PRAÇAS ENTRAM EM CENA

Carcereiro — Veja, como o vagabundo dorme serenamente. Dê-me uma jarra de água fria. [UM DOS PRAÇAS APANHA UMA JARRA COM ÁGUA E DÁ AO CARCEREIRO] Obrigado, já farei esse açougueiro acordar...[O CARCEREIRO JOGA A ÁGUA EM JOSÉ QUE ESTÁ NO CÁRCERE] Vamos ver se acorda rapaz...

JOSÉ ACORDA MEIO ASSUSTADO E DIZ...

José — Não Maria... Por Deus... Não me torture mais...

Carcereiro — Maria você já vai ver... Uma sova de borrachadas lhe fará bem todas manhãs. [E O CARCEREIRO ABRE O CÁRCERE] Pronto, guardas, podem levar na presença do carrasco.

José — O que vão fazer comigo?

Carcereiro — Não se preocupe... você já vai saber... o que você imagina que façam com assassinos de sua marca?

E JOSÉ É ACOMPANHADO POR OS DOIS PRAÇAS SAINDO DE CENA

Carcereiro — Eu não me conformo com certas pessoas que dizem ter pena desse homem.

Este crime que abalou a Humanidade. Eu também sou sentimental... pois aqui no xadrez há vários homens que não são tão culpados, quase inocentes, mas esse aí, não é nem gente, já é um antropofágico. Ele fez tudo... só não comeu a carne porque não estava com fome.

**PANO RÁPIDO**

**FIM DO 5º ATO**

**6º ATO****“IMPORTANTE”**

Neste ato pode deixar a fotografia no chão sem ser vista

Prólogo (Narrador) — Passou-se longo tempo. José tinha todos os dias as mesmas terríveis torturas, cada dia era pior que outro, numa solitária foram tristes seus dias. Descalço com os pés no sol, e uma gota de água que caía continuamente em sua cabeça. O lugar era apertado que mal dava para se virar. Sua refeição era fubá com água, como quem trata de porco. Naquele aperto não era permitido visitas de espécie alguma. Ali era a verdadeira solidão, que todos os dias além de sofrer, e apanhar, aparecia algo de imaginação que fazia lembrar de sua inocente esposa. Algumas pessoas diziam: como o açougueiro está engordando! Mas era o contrário. Inchando de tanto sofrer é que ele estava.

À SÓS, PRESO NUM LUGAR APERTADO ESTAVA JOSÉ, TRISTE ARREPENDIDO DO QUE FEZ, IMPLORAVA A DEUS QUE TIVESSE PENA DIZENDO ASSIM

José — Óh meu Deus...quanta solidão... e o que mais me tortura é a imagem de Maria que não me sai do pensamento... Todas as noites ela aparece para mim e me tortura de uma certa maneira que não consigo me mover. [AJOELHANDO NO CHÃO ELE PEDE A DEUS] Oh Deus... mate-me logo... não aguento mais tanta tortura. Sinto-me que a morte se aproxima a cada momento. Imploro que isso tenha fim.

NISSO ENTRA EM CENA O CARCEREIRO COM O PRATO DE FUBÁ COM ÁGUA

Carcereiro — Que está fazendo aí ajoelhado...[JOSÉ LEVANTA-SE] Pensa que Deus ouvirá suas preces? Quem poderá ouvir, outro Deus, mas não o de cima. Aqui está a sua refeição predileta.

José — Oh! Fubá com água novamente.

Carcereiro — Que pensou que fosse, um prato cheio de raviolis, um nhoque, uma salada de maionese, não meu caro, isso não é comida para assassinos porcos igual você.

José — Isso eu não suporto mais, estou enjoado de comer essas lavagens... prefiro ficar sem comer nada.

Carcereiro — Como queira... não costumo insistir com os presos, e principalmente você. Então, passe bem ordinário.

José — Se eu o pegasse um dia...

Carcereiro — Esperança perdida rapaz.

E O CARCEREIRO SAI DE CENA.

José — Que vá para o inferno esse maldito. Eu já não sinto nem fome, sede muito pouco, só sinto a dor da tortura quando ela me aparece. Se eu pudesse ficar sem ver ela! É inútil, Maria não falta uma noite, e cada vez que me aparece me sufoca mais um pouco ainda... tenho impressão que um dia essa alucinação me matará...[E AS LUZES DA RIBALTA ESCURECEM] A noite se aproxima como outros dias...Engraçado...não estou com sono, mas não vou ficar aqui em pé no meio da escuridão. Carcereiro...

JOSÉ BATE FAZENDO BARULHO DIZENDO. O CARCEREIRO ENTRA EM CENA

Carcereiro — Vê se faz menos barulho pra dormir, se não outros presos não dormem.

José — Ouça... eu não posso ficar aqui...

Carcereiro — E daí...

José — Não me trate assim, vocês precisam compreender que eu não suporto o fantasma de Maria que todas as noites me aparece, por favor...compreenda carcereiro...só você pode quebrar esse galho.

Carcereiro — Você está louco rapaz...eu nunca vi nada aqui e você sempre com a mesma história, sabe o que é isso, remorso...

José — Ela me aparece todas as noites e tenho um pesadelo horrível, por favor deixe pelo menos uma pessoa aqui junto comigo.

Carcereiro — Eu vou contar o caso ao delegado, talvez ele mande alguns remédios para acalmá-lo. Umas borrachadas no lombo.

José — Ouça-me por favor...eu estou falando sério.

Carcereiro — Você falar e não falar é a mesma coisa, porque aqui você está completamente esquecido. A justiça proibiu de ser visitado e presenteado, o delegado deu ordem para nos esquecer aí no xadrez, portanto se conforme com o seu destino.

E O CARCEREIRO SAI DE CENA

José — Malditos... [E NESTA HORA A RIBALTA APAGA DE UMA VEZ DEIXANDO APENAS UMA LUZINHA MORTERA] Agora deu... É só deitando neste chão frio mesmo... ficar fazendo o que nesta escuridão? [MAS NISSO OUVEM-SE UM BARULHO POR TRÁS DA CENA] É ela, tenho certeza... [E ENTÃO O VULTO DE MARIA APARECE DE MÃOS ABERTAS ATERRORIZANDO-O] Não Maria... saia daqui... não me atormente mais...

O VULTO DE MARIA DÁ UMA GARGALHADA ATERRORIZADORA

Maria — Ah! Ah. Ah! Ah! Ah. Ah. Ah.

José — Não...não abra Maria...

E NISSO MARIA ABRE O CÁRCERE COM FACILIDADE E ENTRA

Maria — Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

José — Não Maria... não me toque...[E MARIA ENLAÇA AS MÃOS SOBRE O PESCOÇO DE JOSÉ DANDO GARGALHADAS ATERRORIZADORAS] E o pior é que não consigo me mover, não... Si...ao...menos...eu conseguisse...se me li...ber...tar [APERTANDO O PESCOÇO E O VULTO DANO GARGALHADAS APERTANDO MAIS AINDA.] Não...nã... eu...o...

DEPOIS, O VULTO DE MARIA RETIRA AS MÃOS SAINDO...JOSÉ OLHA FRENTE A FRENTE E FICA ATERRORIZADO.

Maria — [FANTASMAGÓRICA] Vem...vem...

ESPANTADO JOSÉ

José — O que vai fazer comigo?

Maria — Matá-lo há! há! há! há! há! há!

JOSÉ É DOMINADO E FAZ O QUE ELA MANDA.

José — Não...Eu...não [E ELA APERTA-O SEU PESCOÇO COM FÚRIA E JOSÉ SUFOCADO DIZ] Eu ...nã...nã...

Maria — Vem comigo José...Vem comigo José...

E JOSÉ SOLTA UM GRITO DE DOR...

José — Ahhhhhhh!!!! [E TOMBA, E APAGAM AS LUZES DE UMA VEZ, MARIA RETIRA-SE E DEPOIS ACENDE TUDO NOVAMENTE. MEIO MORTEIRO. QUANDO AS LUZES SE ACENDEM ENCONTRA-SE JOSÉ, MORTO DE BRUÇOS NO CHÃO DA CELA ABERTA. LOGO DEPOIS ENTRA EM CENA O CARCEREIRO

Carcereiro — O açougueiro, levante-se. [AO VER O CORPO CAÍDO E A CELA ABERTA O CARCEREIRO LEVA UM SUSTO] E...Que!...que é isto!... A cela aberta!... [EXAMINANDO O HOMEM DE RASPÃO ELE]... Céus...O prisioneiro está morto, quem será que o matou? Vou avisar o delegado...

E CORRE SAINDO DE CENA. LOGO DEPOIS CHEGA O INVESTIGADOR...

Investigador — O carcereiro passou por mim como um louco, dizendo que o prisioneiro morreu; vamos ver o caso...

E VAI VERIFICAR A CELA QUANDO O CARCEREIRO VOLTA EM CENA

Carcereiro — Comissário...o delegado não está, que faremos?

Investigador — Calma rapaz...vamos investigar como foi isso.

Carcereiro — Sei lá, eu entrei aqui de costume para acordá-lo, e encontrei



do jeito que está.

Investigador — Alguém tomou as chaves do cárcere.

Carcereiro — Não...nem no chaveiro está a chave dessa cela. Está guardado em lugar especial.

NISSO O INVESTIGADOR DÁ UMA OLHADA NO CHÃO E...

Investigador — Espere... [E APANHA] De onde veio esta fotografia!?

Carcereiro — Deixe-me ver... [OLHANDO RECONHECE] E... Céus...é a fotografia da esposa dele...

Investigador — Então alguém entrou aqui...

Carcereiro — Mas quem?!...

Investigador — É engraçado...não vejo pista alguma, e nem sinal de que foi assassinado... Tenho uma ideia. Vá chamar o Dr. Wenâncio.

Carcereiro — Sim...sim...

O CARCEREIRO SAI DE CENA

Investigador — Mas eu tenho minhas dúvidas...Como é que um prisioneiro bem trancado numa cela destas, sai assim [NISSO A CELA FECHA SOZINHA ALGUÉM PUXA UM FIO QUE É AMARRADO NA PORTA COM ANTECEDÊNCIA, MUITO ESCONDIDO] Ei! que?! A cela se fechou sem ninguém pôr as mãos?! [O INVESTIGADOR TENTA ABRIR MAIS NÃO CONSEGUE...] Meu Deus...está trancada...

NISSO ENTRAM EM CENA O DR. WENÂNCIO COM O CARCEREIRO

Dr. Wenâncio — Olá, Comissário...

Investigador — Olá, Dr. Wenâncio... Quer examinar este sujeito por favor...

O DOUTOR EXAMINA E...

Dr. Wenâncio — Não há sinal de nada. O que tenho a dizer é que ele sofreu um ataque cardíaco muito forte e não aguentou.

Carcereiro — Agora que me lembro, ele sempre falava que tinha pesadelos horríveis e que sua mulher sempre aparecia.

Investigador — Engraçado, eu também não encontrei pista alguma e nem sinal de impressão digital.

Carcereiro — E a cela?!

Investigador — Não sei...se fechou de repente...

Carcereiro — O que o senhor acha disso, doutor?

Dr. Wenâncio — Bem...certas coisas sobrenaturais existem, ainda mais quando se tem remorsos...

Investigador — Eu nunca acreditava em fantasmas... Mas quando vi essa cela se fechar... Palavra de homem: tive um arrepio... Acho que José viu-se frente a frente com o terror...

**PANO RÁPIDO**

**FIM DA PEÇA**